

Liza Bilhalva
Marta Bonow Rodrigues

ARTEFATOS COMO SUPORTES DE MEMÓRIA NA CONSTRUÇÃO DA MASCULINIDADE NO PAMPA SUL-RIOGRANDENSE

RESUMO

Este texto tem por objetivo apresentar uma possibilidade de compreensão sobre como os homens do campo na região do pampa sul-riograndense constroem suas masculinidades, tanto no ambiente rural, como nos fluxos migratórios para as cidades, especialmente a partir da cultura material que permeia esse universo. Pensa-se, aqui, sobre as experiências que ultrapassam temporalidades e espacialidades, buscando se constituírem como sujeitos campeiros nos processos de transformação e dinamismo sociocultural.

PALAVRAS-CHAVE: Pampa sul-riograndense; Cultura material; Masculinidade.

ABSTRACT

This paper aims to introduce a new comprehension possibility of how country men from the region of pampa sul-riograndense, in the south of Brazil, build their masculinity either in the country field or in the migration

flows to cities, particularly seen through the immaterial culture that surrounds this universe. It's thought here about the experiences that go beyond time and specialities looking to build themselves as men from the pampa in transformation process and sociocultural dynamism.

KEYWORDS: Pampa sul-riograndense; Material culture; Masculinity.

A REGIÃO DO PAMPA SUL-RIOGRANDENSE ETNOGRAFADA

A região do pampa sul-rio-grandense¹ foi palco de inúmeras observações ao longo dos tempos: desde o século XIX, com os viajantes europeus e naturalistas, até os dias atuais, essa área cultural com sua gente, seus costumes e suas práticas cotidianas, é observada e compreendida para além das fronteiras geográficas. Os relatos de viagens do passado, juntamente com produção historiográfica local e a literatura regional instigaram muitas antropólogas e antropólogos a definirem essa área cultural como sítio de pesquisas, nas mais diversas especificidades de análise, como as relações entre humanos e não humanos, incluindo a cultura material (LEAL, 1997; SILVA, 2014).

Uma série de etnografias sobre a cultura do pampa abordando as mais diferentes temáticas como raça, etnia, masculinidade, religião, cultura de fronteira, cultura material, festivais musicais, tradicionalismo, alimentação, rural e urbano compuseram um campo de estudo antropológico que traz elementos de uma cultura que entrelaça entidades “imaginadas” e entidades “reais”, peões de estância e peões tradicionalistas, o *gaúcho* gentílico² e o *gaucho*³ trabalhador do campo (BASTIDE, 1959; BRUM, 2009; HARTMANN, 2011; HERSKOVITZ, 1948; LEAL, 1989; MACIEL, 1994; NETO, 2009; OLIVEN, 1999; OLIVEN, MACIEL e BRUM, 2010; RIETH et

¹ O *pampa* não se configura somente por delimitações geográficas, mas é referido a partir dos agenciamentos de relações que se estabelecem entre paisagens, homens, animais, ofícios e utensílios, na configuração de um modo de vida “campeiro” (sua construção, abandono e perpetuação). O pampa se estende pelos territórios do estado do Rio Grande do Sul/Brasil, do Uruguai e da Argentina, fronteira que se expande, compondo culturas de fronteira (HARTMANN, 2011), que têm como fonte de economia a reprodução, criação e manutenção principalmente de rebanhos bovinos, ovinos e equinos.

² Gentílico: referente a adjetivos pátrios, ou seja, o *gaúcho/gaúcha* gentílicos são aqueles sujeitos que nasceram no Rio Grande do Sul.

³ O termo *gaucho/gaucha* é utilizado exatamente para se diferenciar do adjetivo pátrio *gaúcho/ gaúcha*. A palavra sem o acento grave denota a posição de trânsito desses sujeitos na área cultural do pampa.

al, 2013a; 2013b; 2013c; SILVA, 2014).

A partir dessas pesquisas é possível observar que, apesar da diversidade de contextos etnográficos, fica evidente nas subjetividades e nas ações das pessoas dessa área cultural o entrelaçamento de modo de vida, práticas cotidianas e trabalho no campo, passado e presente, humanos e não humanos. Dessa forma, o território de significados se constitui na sua dinâmica e perpetuação, na sua consciência e inconsciência, num ritmo que, por meio da transformação, parece atualizar uma tradição e, conseqüentemente, os processos de construção e manutenção da identidade dos sujeitos (SILVA, 2013 e 2014).

Somando-se a esse campo de estudos tem-se a experiência de pesquisa no âmbito do Inventário Nacional de Referências Culturais (INRC) Lidas Campeiras da Região de Bagé/RS⁴ – 1ª Fase, investigação que visa identificar e documentar o trabalho na pecuária extensiva⁵ do pampa sul-rio-grandense como referência cultural dessa região, indicada como patrimônio imaterial brasileiro (RIETH et al, 2013a, 2013b e 2013c). Tal experiência foi compartilhada pelas autoras do presente texto enquanto membros da equipe de pesquisa e elaboração do relatório final⁶.

Há inúmeras atividades que podem compor “lida campeira”⁷ (conceito êmico) e, entre essas, estão os saberes e fazeres da esquila, doma, tropeirismo, lida caseira, feitura de aramados, ofício do guasqueiro e pastoreio. A esquila é a tosa dos ovinos, a retirada das lãs; a doma, a

⁴ A pesquisa de campo do Inventário foi executada no período de 2010 a 2013, por uma equipe de antropólogos, historiadores e geógrafos da UFPEL, com financiamento e metodologia do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). Somam-se aqui os desdobramentos do INRC, que aprofundaram as pesquisas sobre as relações entre homens e animais, os objetos na lida, masculinidade, migração rural e urbana e sociabilidade, que resultaram em trabalhos de conclusão de curso (TCCs), projetos e dissertações de mestrado e projetos e teses de doutorado. Compõem a equipe do INRC Lidas Campeiras na Região de Bagé: Profª Flávia Rieth – Coordenadora; Pesquisadoras/es: Marília Kosby, Liza Bilhalva Martins, Marta Bonow Rodrigues, Pablo Rodrigues Dobke, Daniel Vaz Lima; Consultoras/es: Cláudia Turra (Imagem), Fernando Camargo (História), Erika Collischonn (Geografia), Karen Mello (Urbanismo); IPHAN: Beatriz Freire e Marcos Benedetti. Após o encerramento dos relatórios, em 2013, seguiu-se a pesquisa, buscando o registro de tal bem cultural, ampliando e incluindo novas discussões sobre região (incluindo novos municípios), relações humanos e não humanos, trabalho, gênero.

⁵ Pecuária extensiva refere-se às formas de criação de animais de produção, especialmente gado bovino, nas quais os rebanhos são mantidos em campos naturais ou pastagens exóticas, porém sem estarem em espaços estritamente confinados.

⁶ Que resultou, como produtos finais em três volumes de livros (RIETH et al. 2013a; 2013b e 2013c), bem como em um CD-ROM interativo – popularização de toda a pesquisa e 8 banners – síntese de todo o processo do INRC. Esses documentos foram entregues ao Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) para que o pedido de registro das Lidas Campeiras pudesse ser encaminhado e o bem avaliado como patrimônio nacional.

⁷ A *lida*, no sul do Brasil, é o equivalente ao trabalho diário, às tarefas e práticas laborais, especialmente as manuais. A “lida campeira” é o trabalho rural, o trabalho com animais de produção no campo, no ambiente rural.

preparação dos cavalos para que possam ser montados e utilizados em atividades diversas; o tropeirismo é o transporte dos rebanhos por terra, conduzidos por campeiros a cavalo; a lida caseira é a manutenção doméstica e cotidiana da propriedade rural, no entorno das sedes – casas e galpões, é a lida atribuída a homens e/ou mulheres, no universo da pesquisa; a feitura dos aramados ou *alambrados* (termo em espanhol, porém muito utilizado na região do pampa sul-riograndense) é a atividade vinculada à construção e manutenção das cercas de arame que contornam as propriedades e suas divisões internas; o guasqueiro é aquele que produz artefatos e utensílios em couro, tanto como artesanato, quanto para o uso nas lidas; o pastoreio é a lida direta com os rebanhos (RIETH et al, 2013a, 2013b e 2013c; RIETH, RODRIGUES e SILVA, 2015). Todas essas atividades são desempenhadas e vividas pelo “campeiro⁸”, aquele único (e múltiplo) agente que conhece e sabe fazer um pouco de cada uma das lidas, que vivem ou viveram praticando trabalhos relacionados à pecuária (RIETH, RODRIGUES e SILVA, 2015).

Imagem 1 – Campeiro na lida com gado bovino - Pastoreio. Estância Santa Leontina – Aceguá/RS.



Foto: Acervo INRC Lidas Campeiras da Região de Bagé/RS, 2011.

Para o desempenho, vivências e experiências nas atividades da lida campeira, é necessário saber fazer, conhecer e aplicar o uso de artefatos específicos. Assim, dentro do INRC, enfatizar na cultura material é dialogar

⁸ Campeiros, para a pesquisa de INRC, são os homens que trabalham na lida campeira, no trabalho rural (ou na cidade, desempenhando atividades que remetem ao meio rural). Salientamos que esse termo é indicado pelos interlocutores da pesquisa.

com o conceito antropológico de cultura, de modo a perceber a agência dos objetos e artefatos na lida campeira, bem como as potencialidades simbólicas de sua plasticidade⁹.

A cultural material é todo segmento físico apropriado socialmente, sendo o artefato apenas um dos seus componentes (MENEZES, 1997 apud SILVA, 2009, p. 132). Sobre apropriação social,

convém pressupor que o homem intervém, modela, dá forma, a elementos do meio físico, segundo propósitos e normas culturais. Essa ação, por tanto, não é aleatória, causal, individual, mas se alinha conforme padrões, entre os quais se incluem os objetivos e projetos. Assim, o conceito pode tanto abranger artefatos, estruturas, modificações na paisagem, coisas animadas (uma sebe, um animal doméstico), e, também, o próprio corpo, na medida em que ele é passível desse tipo de manipulação (deformações, mutilações, sinalizações) ou, ainda, os seus arranjos espaciais (um desfile militar, uma cerimônia litúrgica) (MENEZES, 1983, p. 112 apud SILVA, 2009, p. 132).

Ressalta-se que, se em tempos passados a área da arqueologia tratava dos estudos sobre cultura material, hoje há um campo transdisciplinar ou interdisciplinar que acompanha e pesquisa a produção material humana, ultrapassando as dicotomias de passado e presente (LIMA, 2011; HICKS e BEAUDRY, 2010). Dentro desse campo, um dos entendimentos é que o artefato é a transformação do objeto que recebe uma formulação ou significado dentro da cultura – como desenvolvimento e criação humana, (FUNARI, 2010).

Essa parte constituinte da cultura campeira forma (e se forma a partir de) redes heterogêneas compostas por humanos e não humanos com todas as relações que permeiam esses elementos (LATOURET, 2009; LAW, 1992). Sobre o mundo material nessas redes heterogêneas, Law (1992) diz que “[...] quase todas nossas interações com outras pessoas são mediadas através de objetos. [...] Nossas comunicações com os outros são mediadas por uma rede de objetos [...]. E é também mediada por redes de objetos–e–pessoas” (p. 2).

Assim, os objetos/artefatos se apresentam intrínsecos à formação da cultura do pampa e são fundantes e fundamentais para a constituição desses sujeitos: através das relações com a materialidade há permanências

⁹ Lúcia Hussak van Velthem (2007), em “Farinha, casas de farinha e objetos familiares em Cruzeiro do Sul – Acre”, aponta para a importância de a perspectiva antropológica extrapolar o utilitarismo dos objetos e artefatos, tomando-os como agentes capazes de constituírem sistemas de relações sociais entre si e os seres humanos com quem trabalham. Desta forma, são agregados aos objetos materiais, atributos genealógicos, históricos e de intencionalidade.

e descontinuidades na formação dessa cultura, uma vez que o mundo material não está isolado das relações sociais, estando ele diretamente implicado no modo pelo qual se cria, dá-se sentido e conduz-se a vida cotidiana (SILVA, 2014; THOMAS, 1999).

No entanto, é preciso compreender os significados desses artefatos, seus sentidos e seus papéis sociais para os sujeitos, não apenas a partir de observações e análises dos materiais em si, mas levando em conta os diferentes relatos e a constituição de memórias sobre (e com) esses elementos em seu passado e presente, pois os usos e transformações dessa materialidade, segundo Silva (2009, p. 24), “são ações sobre materiais que remetem a um ser/saber/fazer que não tem sentido se abordado a partir da análise dos artefatos somente por sua natureza material”. Dessa forma foi possível observar, analisar e compreender algumas maneiras pelas quais os artefatos da cultura do pampa são significados pelos sujeitos dessa área cultural. Tais fatores materiais, portanto, não se apresentam somente como exteriores ao indivíduo, e sim, trazem a dimensão do patrimônio – foco principal do INRC – como “constitutiva dos sujeitos, permitindo pensar as lidas campeiras como semantizadoras da cultura em que homens, mulheres, animais, paisagem, objetos e artefatos estão em relação” (SILVA, 2014, p.16–17).

Cabe salientar que, por ser o INRC o início da pesquisa que dá origem ao presente artigo, é necessário compreender a ligação entre observação de campo na pesquisa antropológica e arqueológica, construções sobre essas observações e questões da seara do patrimônio. Para Gonçalves (2005), um patrimônio não está atrelado somente à decisão política ou pretensão de uma agência de Estado, tampouco depende exclusivamente de uma atividade consciente e deliberada de indivíduos ou comunidades. Assim, o mundo material que compõe um patrimônio precisa encontrar “ressonância” junto a seu público. A exemplo de Gonçalves, trazemos a compreensão do historiador Stephen Greenblatt:

Por ressonância, quero me referir ao poder de um objeto exposto atingir um universo mais amplo, para além de suas fronteiras formais, o poder de evocar no expectador as forças culturais complexas e dinâmicas das quais ele emergiu e das quais ele é, para o expectador, o representante” (GREENBLATT, 1991, p. 42 *apud* GONÇALVES, 2005, p. 19).

Reforça-se, portanto, a ideia de que ao se pensar culturas como patrimônio deve-se atentar para o diálogo entre o passado e o presente, o cosmo e a sociedade, o indivíduo e o grupo social, e entre a história, a memória e a experiência, considerando, assim, as dimensões da ressonância, da materialidade e da subjetividade que este patrimônio gera

e que, por sua vez, é gerado por esses conjuntos de elementos (GONÇALVES, 2003).

Na pesquisa, estávamos, então, diante de um grupo de pessoas compartilhando um modo de vida, valores e ideias há muito tempo não sem interesse público, em uma região em que o trabalho e a mão de obra são escassos, onde as políticas públicas não chegam, onde as tecnologias substituem a mão humana e arrastam os cidadãos para outros contextos, especialmente urbanos (SILVA, 2014).

E SEGUIMOS A REDE: entre rural e urbano

Iniciamos e conduzimos a pesquisa orientadas¹⁰ pela metodologia da Teoria Ator/Rede formulada por Bruno Latour (2009) e, assim, buscamos acessar a grande rede que conecta esses homens campeiros¹¹, focadas em tentar perceber e compreender o que, dentro da ampla gama cultural, de fato gera ressonância para o grupo (SILVA, 2014).

Entre os interlocutores que compunham essa lista de indicações no âmbito do INRC havia um expressivo número de sujeitos com vínculos e experiências ligadas à pecuária, vividas nas regiões rurais¹², mas habitando áreas das cidades (SILVA, 2014). Essa situação de migração parecia ficar mais evidente e significativa à medida que seguíamos a pesquisa. Evidenciávamos uma migração que ultrapassa o fator idade (ou envelhecimento) e se situa mais na ausência de empregos e na caracterização de um trabalho árduo, perigoso, insalubre e forçoso da lida no campo acarretado pelo manejo os rebanhos – incidindo marcas permanentes no corpo do campeiro fazendo-o parar ou diminuir o ritmo de atividades. Além desses fatores, e não menos importantes nesse processo de êxodo, também observamos a entrada e intensificação da modernização tecnológica, em que trabalhos manuais são substituídos por maquinários, e a implantação de legislações trabalhistas e políticas governamentais de esvaziamento da área rural (RIETH, RODRIGUES e SILVA, 2015; SILVA, 2014).

Na cidade, novas situações são apresentadas a esses campeiros e também novos desafios.

¹⁰ Optamos, para o presente artigo, utilizar as palavras e expressões femininas quando se referem à equipe de pesquisa do INRC, já que a maior parte da equipe era formada por mulheres.

¹¹ Campeiros, para a pesquisa de INRC, são os homens que trabalham na lida campeira, no trabalho rural (ou na cidade, desempenhando atividades que remetem ao meio rural). Salientamos que esse termo é indicado pelos interlocutores da pesquisa.

¹² Para melhor visualização de leitoras e leitores sobre essas regiões, apresentamos a lista de municípios incluídos na rede de indicações dos interlocutores: Bagé (município central da pesquisa, início de todo o processo do INRC), Aceguá, Hulha Negra, Arroio Grande, Piratini, Herval, Pelotas – todos no pampa do Rio Grande do Sul.

O que se fazia anteriormente parece ser a chave para o recomeço, agora em outro ambiente onde tudo parece diferente, a começar pelo som que a cidade emite, pelo vento minuano que sopra mais tímido, pela ausência do cavalo em algumas situações e pelos muros que cortam a visão do pampa vasto e plano (SILVA, 2014, p.10).

Apontamos, dentro dessas transformações, para o quanto essa atividade laboral, entremeada com modo de vida, imprime e atua na construção de um estilo de vida e de uma masculinidade hegemônica entre os campeiros no pampa, sem deixar de atentar para o dinamismo e as negociações que ocorrem a partir das diferentes realidades dos interlocutores no rural e, principalmente, na migração para as cidades (SILVA, 2014).

Os tipos de atividades que realizam, a produção e manutenção dos artefatos específicos da lida campeira, as vestimentas, a relação com os animais, as relações com as famílias e com as mulheres, com os amigos e com as masculinidades subalternas, a postura corporal e o modo de falar, compõem a subjetividade desses sujeitos. Estes localizam nesse conjunto de elementos os valores necessários para a identificação com um modelo hegemônico, mesmo que em constante dinamismo por mudanças no cotidiano (SILVA, 2014, p. 72).

Salientamos que as redes indicadas pelos campeiros eram majoritariamente formadas por homens; as mulheres, no âmbito do INRC nesta primeira fase da pesquisa, foram praticamente invisibilizadas nessas redes, apesar de termos acompanhado a presença e as atividades de algumas mulheres não indicadas pelas redes. Portanto, há recomendações, na continuidade da pesquisa, da inclusão de discussões de gênero, apontando, entre outros aspectos, para essas mulheres vivenciando cotidianamente as lidas campeiras, compartilhando esse modo de vida, assim como observado nessa rede de homens campeiros.

MASCULINIDADE HEGEMÔNICA ENTRE CAMPEIROS

Nesse território de existência¹³, esses campeiros foram iniciados nas lidas muito jovens, por volta dos sete/oito anos de idade, se constituindo enquanto sujeitos masculinos e sendo inseridos neste viver/fazer através

¹³ Território de existência (GOLDMANN, 2006) é entendido como diferentes elementos compartilhados por sujeitos e grupos, refletindo a realidade de uma identidade social específica, de um sistema de valores e, portanto, de um modo de vida (SILVA, 2013, p. 126).

do aprendizado com homens mais velhos da família ou com patrões ou funcionários nas propriedades onde trabalharam ou habitaram. Alguns casaram, tiveram filhas ou filhos, fixaram-se em alguma terra como proprietários ou como empregados (peões ou capatazes¹⁴), outros peregrinaram entre estâncias trabalhando nas atividades do campo (SILVA, 2014. p. 68).

De acordo com os interlocutores, o aprendizado das lidas campeiras, transmitido de forma geracional, constrói e molda os sujeitos: além de ensinar a ser “homem” ela ensina a ser “gente” (SILVA, 2014, p. 68). Por meio do trabalho, são transmitidas questões éticas e morais que envolvem respeito, coragem, bravura, disciplina, responsabilidade e capricho (entendido como limpeza, organização): “A lida obrigava a gente a ser gente, a ser campeiro; o homem do campo é extremamente educado e disciplinado, porque teve essa formação de pai, mais rígida” (ELIEZER SOUSA, 2012).

Imagem 2 – Campeiros na lida com cavalos. Estância Santa Leontina – Aceguá/RS.



Foto: Acervo INRC Lidas Campeiras da Região de Bagé/RS, 2011.

Para Ondina Leal (1989 e 1992) a lida campeira seria, portanto, o lugar de construção dessa masculinidade através da relação com os outros homens e com a natureza. Especialmente esses homens formam uma cultura equestre¹⁵ especificamente masculina, a qual exalta e mantém

¹⁴ Trabalhadores que lidam diretamente ou indiretamente com os rebanhos e lideranças trabalhistas e hierárquicas desses peões, respectivamente.

¹⁵ Nessa cultura, o homem campeiro bravo, destemido e livre executa suas atividades a cavalo, tendo este animal como companhia e como meio de transporte e trabalho em suas atividades cotidianas.

valores como honra, liberdade, justiça e bravura. O campeiro necessita, permanentemente, exercer a dominação no contexto da pecuária, para que se constitua como “homem gaúcho¹⁶” (SILVA, 2014, p. 70).

Imagem 3 – Seu Brasileiro, capataz, com artefato na lida com cavalos. Estância Santa Leontina – Aceguá/RS.



Foto: Acervo INRC Lidas Campeiras da Região de Bagé/RS, 2011.

Por meio da lida, aprendem-se muitos atributos considerados necessários para a constituição dos homens nesse universo, qualidades sempre enfatizadas em suas narrativas. Esses sujeitos constroem sua condição de gênero no contraponto com a feminilidade e com os espaços e artefatos que a representam (SILVA, 2014); como masculino e feminino são categorias socialmente construídas, nessa cultura a primeira está diretamente relacionada à dominação do homem sobre a natureza, sendo que a masculinidade/virilidade precisa ser constantemente provada e legitimada pelos seus pares masculinos (LEAL, 1992; SILVA, 2014).

A lida campeira é tarefa masculina, e a iniciação dos meninos no mundo do trabalho é no campo, em cima do cavalo, laçando e apartando gado. Para as atividades da lida, há animais, artefatos e espaços específicos no processo de constituição dos sujeitos, havendo segregação dos ambientes físicos e das tarefas; soma-se a isso a paisagem do pampa, sua vastidão e amplidão que fazem ou fizeram parte da vivência desses homens

¹⁶ Ondina Leal (1992) utiliza o termo gaúcho para indicar esse homem campeiro dominante, valoroso e, conseqüentemente, masculino. A dominação está diretamente vinculada à virilidade.

(LEAL, 1989; SILVA, 2014).

Os espaços são segregados sim. Tem proibição em algumas tarefas e lugares. As mulheres não costumam entrar no galpão nem fazer a lida no campo. Tem até um sino aqui na propriedade para que a cozinheira avise os peões da hora da comida sem precisar entrar no espaço deles. Da mesma forma serve para o homem, assim, ôh.. na cozinha eles também não entram. (FLÁVIA, 2013).

Eu não sou um cara preconceituoso, mas as coisas devem estar no seu devido lugar. Eu não acredito que um homem de bem cozinhe como uma mulher. O cozinheiro contratado contra minha vontade lá na estância logo ficou cheio de razão e mandei ele embora. (BETO, 2013).

No tempo do meu pai, deus me livre a minha irmã e minha mãe entrar no galpão. Elas não passavam da porta da casa (CLAIR, 2013).

Esses apontamentos entram em consonância com o que Connell (1995) apresenta sobre o lugar produtor de sentido para a construção da masculinidade e sobre as transformações no cotidiano (para os homens que migraram) que geram novas possibilidades de construção de si. O lugar “trabalho”, tanto no campo, quanto no cotidiano nas cidades, se mantém ocupando uma posição de destaque na construção da masculinidade entre homens campeiros. As narrativas evidenciam de forma recorrente o início do trabalho no campo, com suas peculiaridades espaciais e materiais, e o lugar que isso ocupa na formação e no que eles são hoje (SILVA, 2014, p. 73).

Com as mudanças ocorridas no campo, muitos trabalhadores rurais perderam seus empregos e, conseqüentemente, o lugar tradicional de provedor da família, reconhecido como um dos valores centrais da masculinidade. A possibilidade de trabalho na cidade é, também, a possibilidade da reconstrução; assim, o saber/fazer experienciado ao longo de uma vida, aprendido de geração em geração, ressurgiu como uma forma de se manter e de não se “perder de si” e de suas “origens” (SILVA, 2014, p. 73). Nesse contexto urbano, há uma invenção com velhos saberes e novas práticas que se mesclam e fazem desses campeiros, construtores/inventores permanentes de suas masculinidades (SILVA, 2014; WAGNER, 2010).

Por meio do trabalho, da memória, dos objetos e artefatos, da relação com o feminino e, principalmente, da arte criativa própria dos seres humanos (WAGNER, 2010), esses homens se construíram enquanto sujeitos masculinos. Compartilham o *status* de uma masculinidade hegemônica,

que constitui um ideal, ainda que não corresponda verdadeiramente à vida de nenhum homem real – está no imaginário (CONNELL, 1995).

O *status* hegemônico alerta para que os homens dessa pesquisa façam as coisas que seu grupo de pares local define como masculinos – montar a cavalo, laçar, domar, comer carne, andar de bota e bombacha, boina ou chapéu, compartilhar uma linguagem, as músicas, adotar uma postura, defender seu próprio prestígio, suas mulheres e sua família (SILVA, 2014, p. 73).

Essa masculinidade é compartilhada pelo grupo de pares, assim, se percebem e se identificam como homens campeiros na estreita relação com os elementos dessa cultura, revisitada no ambiente urbano (SILVA, 2013 e 2014).

Se no campo, esses homens eram empregados, em sua maioria, nesse novo meio citadino, eles geram seu próprio negócio, como proprietários de hospedarias para cavalos ou de espaços onde desenvolvem as atividades de guasqueiro ou domador. Ou, simplesmente, possuem a maestria das palavras e das letras que fomentam a arte da música e da poesia regional. Através da troca de experiências/memórias com seus pares que compartilham essa vida do campo com que esses sujeitos não “se percam”, não deixem o campo para trás (SILVA, 2014). Segundo Eckert,

A memória coletiva sempre aparece como uma referência essencial para a reatualização das identidades destes sujeitos a partir de práticas tradicionais exercidas em ambientes marcados pela modernidade. Figuram práticas, reinventam saberes, “ação imaginante” de durar nos jogos da memória coletiva (ECKERT, 2012, p. 119).

O contraste de contextos entre campo e cidade parece ter feito surgir com mais nitidez, mesmo que, paradoxalmente, o laço mais forte entre o campeiro e a vida no campo, é a potencialização das memórias nessa busca e manutenção das “origens”. Para Bachelard (1994), somente dura aquilo que tem razões para recomeçar: “ao lado da duração pelas coisas, há a duração pela razão” (p. 38).

Nas narrativas desses homens, é possível perceber esses compartilhamentos e formas de manutenção do campo na cidade; a possibilidade de construção desses sujeitos por meio das redes e do trabalho. Clair, proprietário de uma hospedaria de cavalos em Pelotas diz sobre a ida pra cidade:

No campo nós temos o nosso valor, quando se vai para cidade, acabamos indo para a vila, se trabalha em

trabalhos simples e os filhos se apaixonam pela moda da cidade. Sofremos de usar as coisas do campo na cidade, somos chamados de grosso e tudo mais. Ficamos perdidos na cidade, quem vem de fora fica perdido. O pessoal do campo que está na cidade ajuda a gente a não se perder, e nos ajuda a permanecer fazendo isso que a gente faz (CLAIR, 2013).

Seu Abelardo, guasqueiro na cidade de Pelotas, fala sobre o trabalho:

O trabalho é a minha vida. Aprendi com meu pai e avô, criei meus filhos e sustentei a família com isso aqui [feitura de artesanato em couro]. Não sei se vou ter para quem deixar, mas representa uma continuação. Isso é a única coisa que liga o gaúcho da cidade ao campo (ABELARDO, 2013).

Vivendo no fluxo entre campo e cidade, física ou virtualmente¹⁷, os sujeitos carregam a experiência do viver “pra fora”¹⁸, desse modo de vida que coloca humanos e não humanos em relação na construção desse viver e acabam transformando o espaço, e a si, a partir de novas configurações (SILVA, 2014).

ARTEFATOS NA CONSTRUÇÃO DA MASCULINIDADE CAMPEIRA

Atentar para a extensa e diversificada teia de objetos e artefatos que permeiam um grupo cultural, sua relevância social e simbólica, assim como sua repercussão subjetiva em cada indivíduo, parece ser uma das condições para a reflexão antropológica, pois toda interpretação de formas de vida

¹⁷ Muitos campeiros mantêm uma rede de relações por meio de redes sociais virtuais, trocando ideias, músicas, poesia, informações cotidianas com seus pares – isso os une e, também, faz com que compartilhem esse modo de vida. As redes sociais virtuais também fazem parte dessa nova configuração de construção desses homens.

¹⁸ Ir “para fora” é ir para o interior, para a zona rural. Tem-se para fora uma temporalidade peculiar, uma rotina combinada com a dos bichos. Para fora parece haver uma inversão nas categorias do tempo e do espaço: quando alguém “ganha no mato”, pode ter apenas entrado nele, mas isso pode querer dizer perder-se dentro dele, ou mesmo, não querer ser encontrado. Viver para fora vale a realização que o serviço do campo proporciona, mas é difícil quando é muito frio ou muito quente, quando chove demais; é perigoso e requer cautela frente às forças da natureza e a distância entre vizinhos. Requer um saber viver também peculiar. Quando se está numa cidade de centro urbano maior, como Pelotas, pode acontecer das pessoas se referirem aos municípios menores da região como “para fora” (RIETH; et al., 2012).

social e cultural necessita de descrição etnográfica dos usos individuais e coletivos do mundo material (GONÇALVES, 2007).

Para entender a dinâmica da vida social e cultural, um dos movimentos a ser realizado é seguir os deslocamentos dos objetos e artefatos, seus conflitos, ambiguidades e paradoxos, bem como seus efeitos nas subjetividades individuais e coletivas (APPADURAI, 2008; GONÇALVES, 2007).

Os locais de trabalho dos campeiros no meio rural e urbano são, em geral, os escolhidos por eles para as conversas com as pessoas – seja com amigos ou, no nosso caso, com as pesquisadoras. Esses locais de trabalho se confundem, muitas vezes, com a moradia, pois há uma extensão dos espaços nesse modo de vida – é o que ocorre com o guasqueiro Abelardo, e com Clair, proprietário de hospedaria de cavalos, ambos residentes e trabalhadores em Pelotas/RS, cujos espaços de trabalho estão junto ou dentro dos espaços domésticos. Nesses locais, há uma expressiva existência de artefatos compondo esses saberes/fazer que, sobretudo, possuem um protagonismo que extrapola sua função utilitária. O cavalo, o fogo, os artefatos criados para a utilização na lida campeira e os espaços das atividades, são elementos que acompanham os campeiros nesse trânsito do rural para o urbano, onde são (re)significados.

Ao analisar a vida social das coisas, Appadurai (2008, p. 46), aponta que “na construção cultural de mercadorias, a mudança deve ser buscada nas relações alternantes de rotas e desvios. Seus desvios de rotas costumeiras fazem surgir o novo. Mas o desvio é com frequência uma função de desejos irregulares e demandas recentes”. A mercadoria, aqui, é entendida tanto como a mão de obra desses homens, quanto os artefatos produzidos por eles, todas as atividades passíveis de trabalho dentro desse modo de vida.

Nas hospedarias de cavalos dos circuitos urbanos entre Bagé e Pelotas, e na oficina do guasqueiro Abelardo, localizada também em Pelotas, observamos esse “desvio de rotas”, bem como “desejos irregulares e demandas recentes”. Na hospedaria se exerce o cuidado com os cavalos – o trato, a alimentação – e, também, a doma, agora não só para preparar o cavalo para a lida no campo, mas, sobretudo, para o esporte, rodeios e competições ou apenas para amansar o animal para o cliente citadino que gosta de andar a cavalo e não tem um acesso direto e cotidiano ao meio rural. A hospedaria de Clair configura-se dessa forma e por isso difere-se da hospedaria de Beto e Danilo em Bagé.

Danilo e Beto são sócios, homens do campo, cujos corpos não mais fazem plenamente as atividades duras exigidas pelo trabalho com os rebanhos. Assim, quando na cidade (Bagé/RS), alugaram um espaço na periferia para instalar sua hospedaria de cavalos. Majoritariamente, preparam cavalos para a lida com rebanhos; seus clientes possuem, na

grande maioria, propriedades rurais no município ou arredores. O cavalo é essencial nessa construção desses sujeitos, pois ele possibilita a extrapolação desse movimento de dominação, tanto com o próprio cavalo, que “se rende” ao homem, quanto aos rebanhos, pois montado, esse indivíduo praticamente se torna “um” com o animal: além de “fazer crescer” esse ser híbrido (humano-cavalo), ainda permite seu trânsito mais livremente entre o gado¹⁹.

Imagem 4 – Clair na parte externa de sua hospedaria de cavalos.



Foto: Liza Bilhalva, 2013.

¹⁹ O cavalo é entendido pelos rebanhos bovinos e ovinos como um ser que não causa temor, uma vez que não é “caçador”, enquanto o humano, geralmente, é visto como predador nessa pecuária extensiva tradicional.

Nesse tipo de negócio como do Beto e Danilo, com suas especificidades, a presença da mulher é quase inexistente ou, no mínimo, invisibilizada, já que a clientela é formada geralmente por homens, proprietários rurais ou de cabanhas²⁰, que tomam decisões quanto ao tipo de doma, raça dos cavalos e, até mesmo, tipos de artefatos a serem usados nos animais para a lida do campo. Por outro lado, no espaço como o de Clair há um trânsito de clientes mulheres, as quais têm gosto pelo cavalo, mas não possuem propriedades rurais. Deixam seus animais na hospedaria para que nos finais de semana possam aprender a montar e lidar com eles; utilizam os artefatos e as vestimentas consideradas adequadas para a monta do cavalo, as pilchas²¹, e circulam pelos bairros periféricos (ou, às vezes, até mesmo nas regiões centrais); isso também é compartilhado por homens que não têm acesso direto ao meio rural.

Essas mulheres utilizam os mesmos “preparos”²² que os homens, e, na maioria das vezes, as mesmas vestimentas; no entanto, podem existir algumas diferenças que são observadas na “delicadeza” dos artefatos, como uma trança de couro mais “refinada” na cabeçada ou nas rédeas²³, um acessório com temática feminina (uma flor um pouco mais “delicada”, ou qualquer outra decoração considerada “feminina”), uma aplicação de bordado na bombacha, um lenço no pescoço com temas “femininos”. Cabe referir que muitos elementos decorativos são comuns a homens e mulheres, as flores, por exemplo, não são consideradas como decoração especificamente de mulheres, assim como algumas estampas de lenços e de outros acessórios ou vestimentas; feminino e masculino são constituídos a partir de subjetividades. O andar a cavalo e utilizar mesmos elementos que os homens não as tornam iguais a eles, pois são vários

²⁰ Cabanhas são os criatórios onde se tem raças específicas e/ou puras de animais – bovinos, ovinos, equinos. É onde esses animais tem um controle de seu pedigree e sua reprodução.

²¹ A pilcha é a vestimenta utilizada pelos homens campeiros. Compõe a pilcha: botas (calçado próprio para andar a cavalo, feito de couro, que envolve o pé e a perna), bombacha (calças presas por botões no tornozelo), lenço (feito de tecido e geralmente utilizado amarrado ao pescoço), alpargata, chapéu (feito de couro ou feltro). Além de fazer parte da indumentária campeira, também é pilcha todo objeto de valor ou adorno que faz parte da montaria do gaúcho (RIETH, et al., 2013a).

²² Preparos – são os artefatos usados para montar o cavalo.

²³ Cabeçada e rédeas – A cabeçada é um artefato em couro que envolve a cabeça do animal com o objetivo de manter o freio na boca do cavalo. A cabeçada pode ser de couro liso, quase bidimensional, de largura variável, ou trançada, com vários tentos (finas tiras de couro). As rédeas são presas nas “pernas” do freio. As rédeas são tiras de couro compridas (podem ser lisas, bidimensionais) ou trançadas, com as mais diversas tranças. As rédeas podem ter a espessura de um pouco menos de um dedo (quando trançadas) até quase dois dedos de largura, em geral lisas, de couro chato e cru (quase bidimensionais). Têm em torno de 2 metros de comprimento, mas essa medida pode ser variada. Freio – artefato de metal. Possui uma parte que fica dentro da boca do cavalo e as “pernas” – partes que ficam externamente à boca do animal e possuem argolas de metal onde as rédeas serão presas (RIETH, et al., 2013a).

outros compartimentos que constroem e mantêm esses sujeitos masculinos. Um exemplo de elemento “masculino” muito comum na lida com rebanhos é a faca ou adaga, utilizada para várias atividades, desde cortar uma corda no meio do campo, até abrir a tampa de algum medicamento para curar um animal, após este ser “derrubado” pelo laço – outro exemplo de artefato considerado “mais masculino”.

Imagem 5 – Campeiros com laço para a lida com rebanhos, Bagé/RS.



Foto: Acervo INRC Lidas Campeiras da Região de Bagé/RS, 2011.

Imagem 6 – Campeiro com faca para a lida, Aceguá/RS.



Foto: Acervo INRC Lidas Campeiras da Região de Bagé/RS, 2011.

O ofício do guasqueiro surge para atender as demandas da lida no campo – feitura de laços, rebenques, rédeas e cabeçadas, loros, etc. e conserto desses artefatos²⁴ – e, agora, atende também outras demandas,

²⁴ Esses artefatos fazem parte dos arreios – conjunto de artefatos para montaria do cavaleiro, tanto para a lida campeira, incluindo a tropeada, quanto para doma e gineteada. Há variações dos arreios conforme sua utilização. Há variações dos arreios conforme sua utilização, porém

como, por exemplo, a confecção de bolsas, cintos, amuletos para casa, decoração em couro e mateiras (bolsa de transporte para o mate ou chimarrão), capas para celulares, etc. Há um cruzamento artístico interessante na feitura desses artigos em couro, mais precisamente na decoração das peças, como nos bordados em couro. Seu Abelardo atendeu à demanda de cliente que gostaria de um bordado em algumas peças que fazem referência a desenhos tribais geralmente utilizados em tatuagens. O “novo” e o “velho” aparece mais uma vez conectando os sujeitos em novos contextos, sem perder a identidade que postulam: homens campeiros. Identidade que se constrói e se firma por meio da confecção desses artefatos que são atualizados, porém feitos no material do campo, do campeiro: o couro.

Imagem 7 – Guasqueiro no meio rural: Seu Ginês e sua produção de artefatos para a lida campeira e artesanato – Vila da Lata, Corredor Uruguai/Brasil, Aceguá/RS.



Foto: Acervo INRC Lidas Campeiras da Região de Bagé/RS, 2011.

os itens básicos, utilizados para montaria, serão descritos de acordo com observação e entrevista. Os arreios estão dispostos na seguinte ordem de sobreposição, mais comumente usadas para as lidas campeiras: xergão – carona, – basto/sela/serigote – cinchão (ou cincha) e barrigueira – pelegos – badana (nem sempre é usada) – cincha (ou sobrecincha) e barrigueira. Fazem parte do conjunto, ainda, os estribos, a cabeçada com freio e rédeas e o bucal com cabresto (opcional). Pode-se considerar parte do conjunto, ainda, o rebenque/mango/relho (usado para instigar o animal a acelerar a andadura, ou, no caso do esporte de gineteada, para fazer o animal pular com o cavaleiro sobre ele. Os arreios podem sofrer variação, porém os relacionados acima são os mais comumente utilizados na região (RIETH, et al., 2013a).

BILHALVA, Liza; RODRIGUES, Marta Bonow. Artefatos como suportes de memória na construção da masculinidade no Pampa Sul-Riograndense. *Tessituras*, Pelotas, v. 5, n. 2, p. 113-141, jul./dez. 2017.

Imagem 8 – Guasqueiro no meio urbano: Seu Abelardo e sua produção de artefatos em couro – Bairro Fragata, Pelotas/RS.



Foto: Acervo INRC Lidas Campeiras da Região de Bagé/RS, 2012.

Os espaços onde se desempenham as atividades são objetos/artefatos. Segundo Santos (2002), o espaço tem ação, ele incide e é incidido pelos sujeitos sociais. Nas hospedarias foram reproduziram os galpões, o fogo de chão foi transformado pelas lareiras e são criados locais para organizar e classificar os artefatos, com a devida disciplina e capricho do homem campeiro. Na oficina doguasqueiro, a mesma disposição do galpão se repete, e peões e clientes passam as tardes trançando o tento (tiras de couro utilizadas para confecção dos artefatos da lida), tomando mate/chimarrão e “proseando”. Ambos os espaços reproduzem o que Leal

(1992) chamou de lugar de “construção da masculinidade entre homens campeiros”, ou seja, os artefatos agem, impactam e são impactados pelos sujeitos.

Imagem 9 – Eliezer (de costas) em uma roda de declamação de poesia em torno do fogo, Bagé/RS.



Foto: Acervo INRC Lidas Campeiras da Região de Bagé/RS, 2011.

Um cliente de Abelardo, Jony, participou de uma conversa quando estávamos na oficina deste guasqueiro: “Venho aqui para trazer as cordas²⁵ para arrumar, mas também porque esse espaço me remete à campanha²⁶, lugar importante para mim. O barulho da cidade me ensurdece e aqui encontro a paz do campo” (JONY, peão de estância, 2012).

Destacamos que a narrativa de Jony nos fez pensar que estamos num lugar afastado do barulho. Entretanto, este estabelecimento encontra-se próximo a uma das avenidas mais movimentadas da cidade de Pelotas e defronte à casa do guasqueiro existe um colégio; vozes de crianças e barulhos de carros são percebidos o tempo todo. O espaço do galpão parece oferecer uma proteção contra qualquer interferência urbana, ainda que isso seja percebido somente por eles. Os barulhos e vozes continuavam a chegar até ali. No galpão, a ideia é aproveitar a nostalgia de

²⁵ Cordas – todos os artefatos feitos em couro que servem para conter os animais: laço, bucal, rédeas, loros, etc.

²⁶ A região da campanha, nesse caso, é o mesmo que “ir para fora” – ver nota de rodapé número 18.

um tempo que parece já não existir mais, ou que está distante; é lembrar algo, trazer histórias compartilhadas por aqueles homens vestidos de forma semelhante, com linguagem própria, gestos e posturas em sintonia, construindo, cotidianamente, sua masculinidade. O galpão/oficina é um lugar masculino; os arreios feitos pelo guasqueiro são masculinos (apesar de sabermos que existem mulheres que participam dessa vida campeira e utilizam esses artefatos).

Nesses locais – hospedaria, oficina e casas dos interlocutores – a masculinidade hegemônica é evidente: há um padrão de práticas produzidas nesses espaços que, na interface com o novo, não deixam de manter traços próprios de uma cultura explicitamente patriarcal e masculina. Ser o provedor da casa, mostrar força, destreza com a manufatura dos artefatos e na lida campeira, habilidade no desempenho das atividades, a relação de homens com outros homens e os valores morais e éticos compartilhados, estavam sempre latentes nas narrativas. Observamos que houve o despertar de uma vontade e interesse desses interlocutores em mostrar todas as práticas que incluísse principalmente a força e a habilidade, seja com as coisas, com os animais ou com as palavras, e os objetos/artefatos e espaços estavam ali, permeando essas ações e agindo na construção da subjetividade. Acreditamos que se os pesquisadores fossem homens, ou a maioria da equipe formada por homens, talvez essa reação não fosse a mesma, porém isso é apenas um apontamento, já que a masculinidade hegemônica se constitui justamente entre homens e nessa sobreposição de uma “hierarquia” de masculinidades.

Quando esses homens não conseguiam ou não podiam mostrar os atributos masculinos compartilhados através do que dispunham no ambiente de trabalho, recorriam às imagens (fotografias ou vídeos) para evidenciar as atividades no passado e na atualidade. Imagens de participação em cavalgadas ou campereadas²⁷, de acampamentos com outros homens campeiros, onde há o consumo do churrasco (feito preferencialmente em fogo de chão), mate/chimarrão, o uso de vestimentas campeiras e de acessórios, e mesmo de elementos corpóreos que denotam masculinidade desses homens do campo, como o bigode, estavam sempre presentes como suportes de uma memória e de uma vivência que é sempre acionada para dar sentido ao momento presente. Muitas fotografias com esses temas estão presentes nas paredes nos ambientes de trabalho, como decoração e forma de ativar constantemente a memória nesse modo de vida.

Clair nos apresentou um vídeo sobre a festa anual que sua família paterna realiza todos os anos na propriedade rural de um de seus irmãos

²⁷ Trabalho ou atividade no campo que envolva a participação do cavaleiro – do homem a cavalo, em especial, o trabalho com os rebanhos.

localizada na zona rural da Campanha²⁸. Ali, foi possível ver a família extensa com seus filhos e filhas, netos e netas, sobrinhas e sobrinhos, além de agregados e agregadas em um esforço de incorporarem, no hoje, um tempo que passou, mas que continua presente pelas histórias e memória. Encontros com churrasco em fogo de chão, galpões, ranchos²⁹, contos e ensinamentos para novas gerações, emoções, choro, violão, cantoria, tudo ali reunido no espaço da propriedade rural que um dia foi palco de tudo isso que lembravam com muita nostalgia.

Como um dos fatores determinantes para que possa se reconhecer e se construir como pessoa e homem campeiro, Clair mantém sua casa em Pelotas (onde também está localizada a hospedaria) como uma reprodução desse espaço rural da família. E nesse novo espaço, as festas, não só com parte da família, mas com clientes e amigos, e com todo o mundo material e imaterial que permeia as relações campeiras, são realizadas nos mesmos moldes das anteriores na região da Campanha: churrasco com fogo de chão, pessoas lembrando tempos passados, homens pilchados, cavalos, paisagem tipicamente rural com campos verdes, poucas árvores, mangueiras³⁰ para o manejo do cavalo, galpão e cocheiras³¹. Essa nova configuração, ocorrendo dentro do espaço urbano, numa região que liga a Praia do Laranjal (Balneário da Lagoa dos Patos) à Colônia de Pescadores Z3 – regiões de Pelotas.

Segundo Agier (2011, p. 114), “o sentido do lugar é condicionado estreitamente pela existência de uma troca simbólica e social da qual é o seu suporte”. A troca simbólica do espaço é sobredeterminada pela troca simbólica das relações sociais que ali estão, e assim, os lugares são densos no que se refere ao sentido – social ou simbólico – que os impregna, mas

²⁸ Nesse caso, Campanha é uma região dentro do Bioma Pampa, que abrange cidades do sudoeste do Rio Grande do Sul e é essencialmente mantida por atividades rurais, envolvendo pecuária (e agricultura) (GONÇALVES, 1999).

²⁹ Os ranchos são moradias construídas com torrão de barro ou pau-a-pique. A madeira, o capim santa-fé e a taquara (tipo de bambu) eram cortados na lua minguante e as leivas (ou torrões) retiradas da beira das várzeas. Construída a armação de taquara ou madeira de mato, projetadas as portas e janelas (sem vidros) as paredes eram preenchidas com os torrões de barro e, normalmente, apresentava uma espessura aproximada de 50 cm. A armação do telhado, chamada tesoura, sustentava as quinchas – camadas superpostas de capim santa-fé para a cobertura que, muitas vezes são dissimuladas pela técnica de aparar as pontas do capim. O chão é de terra batida e pode haver uma ou duas divisões em seu interior, feitas com couros ou cortinas de tecidos desempenhando a função de portas. Os ranchos foram as primeiras moradias das estâncias; ainda que os proprietários fossem abastados, até fins do século XVIII e início do XIX, não havia, em larga escala, matéria-prima e mão-de-obra para a construção de casas de tijolos e telhas, portanto predominavam as habitações de pau-a-pique, barro e santa-fé na paisagem (RIETH, et al., 2013a).

³⁰ As mangueiras, currais ou encerras são grandes construções circulares feitas em materiais variados (pedras, madeira, arbustos) para contenção dos rebanhos.

³¹ Cocheiras são o mesmo que baias – locais fechados, cobertos e individuais onde se mantém os cavalos.

não estão cristalizados em sua fixação espacial (AGIER, 2011). Seja no campo ou na cidade, a deslocalização não suprime as componentes de uma densidade social ou simbólica relocizável (SILVA, 2013)

A realocização e, conseqüentemente, a construção permanente das masculinidades fica evidentes nos espaços e no uso dos artefatos pelos homens campeiros. São esses elementos materiais cheios de memórias antigas e novas que estão constantemente construindo e lembrando esses homens sobre quem eles são.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os campeiros do pampa, constituídos nesse ambiente rural com todos os atributos que lhes são pertinentes, ou na condição urbana, estão em constante movimento de construção de suas masculinidades. Os artefatos, entre outros elementos, são fundamentais nesse processo de constituição desses sujeitos, tanto nesse ambiente rural, quanto nas novas configurações no espaço urbano.

O homem campeiro, agora cidadão, por meio da memória, da experiência e da criatividade aciona a categoria trabalho para atuar no novo contexto e, assim, construir/inventar³² suas masculinidades sempre atento à relação entre os elementos materiais e imateriais que a cultura campeira evidencia. As transformações vêm sem o esquecimento das tradições, sempre com os referenciais culturais dos sujeitos, sendo que o sistema de referência é atualizado e (re)significado constantemente diante dos novos contextos (SAHLINS, 2006; WAGNER, 2010).

Nossos interlocutores apontaram para a impossibilidade se falar em fraturas nesse universo campeiro, mas sim, em transformações/atualizações no trabalho, no saber/fazer, na construção cotidiana desses sujeitos, sobretudo, no que diz respeito ao *status* de uma masculinidade hegemônica sempre em consonância atemporal, em que passado, presente e futuro mesclam-se constantemente. Nesse ínterim, as redes heterogêneas agem e são acionadas pelos campeiros, que vão criando cotidianos, relações e, acima de tudo, a si mesmos.

É possível evidenciar as conexões estabelecidas entre os materiais e imateriais que formam essas redes, a partir dos aspectos subjetivos e simbólicos, nas relações entre espacialidade, temporalidade, relações entre humanos e não humanos, questões referentes ao trabalho e modo de vida, refutando as dicotomias que, em geral aparecem como óbvias na observação durante a pesquisa, e buscando uma aproximação de

³² O termo “Invenção” é empregado aqui conforme proposto por Roy Wagner (2010) onde, longe de significar algo fantasioso, é algo inerente à condição humana, faz parte da arte criativa de controlar o choque cultural da experiência cotidiana.

percepção do real. Para que se tenha essa percepção, podemos compreender que é através das ressonâncias o caminho para alcançar os significados dos fatos para além da atividade consciente e deliberada do indivíduo ou grupo; então, temos a particularidade da cultura evidenciando e destacando a relação/interação dos elementos que ela compõe e que são compostos por ela.

O trabalho, por sua vez, parece ser o grande agenciador de construção desses sujeitos, pois, na sua concepção mais ampla (memória, honra, emoções, negociação de realidades, além da atividade prática em si) aciona identidade de gênero masculina – “homens campeiros” – e semantiza a cultura campeira em contextos rurais e em contextos de transformação. No trabalho, nessa criação/produção ou conserto de artefatos, juntamente com o arcabouço imaterial que permeia esse trabalho, temos as ações práticas manuais que “fortalecem” e criam esses homens, dentro dos locais específicos onde se firmam como masculinos diante do feminino e diante dos seus pares (galpões, oficinas, campo).

Os valores do trabalho permeiam todo esse modo de vida, assim como o contrário também é verdadeiro, em fluxos contínuos de construção e transformação em meio ao ambiente da “campanha” ou “de fora”, ou nas cidades e nesses fluxos, compostos de materialidade e imaterialidade, os campeiros encontram a duração pelas vias práticas e simbólicas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGIER, Michel. **Antropologia da cidade**: lugares, situações, movimentos. São Paulo: Terceiro Nome, 2011.

APPADURAI, Arjun. **A vida social das coisas**: as mercadorias sob uma perspectiva cultural. Niterói: Editora da Universidade Federal Fluminense, 2008.

BACHELARD, Gaston. **A dialética da duração**. São Paulo: Ática, 1994.

BASTIDE, Roger. **Sociologia do Folclore Brasileiro**. São Paulo: Editora Anhambi, 1959.

CONNEL, Robert W. Políticas da Masculinidade. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 185–206, 1995.

BRUM, Ceres K. Identidade, pertencimento e reconhecimento: notas sobre experiências etnográficas no Rio Grande do Sul. In: BRUM, Ceres Karam; SÁ, Guilherme José da Silva.(Org.). **Entre poderes nativos e saberes ativos**:

Antropologia e Direitos Humanos. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2009. p. 191–209.

ECKERT, Cornelia. **Memória e Trabalho**: Etnografia da duração de uma comunidade de mineiros de carvão (La Grand-Combe, França). Curitiba: Appris, 2012.

FUNARI, Pedro Paulo. **Arqueologia**. São Paulo: Contexto, 2010.

GOLDMAN, Marcio. **Como Funciona a Democracia**: Uma Teoria Etnográfica da Política. Rio de Janeiro: Editora 7 Letras, 2006.

GONÇALVES, José Otávio N. **Campos Naturais da Região da Campanha do Rio Grande do Sul**: características, potencial de produção, capacidade de suporte e sustentabilidade. Bagé: Embrapa Pecuária Sul, 1999.

GONÇALVES, José Reginaldo Santos. O patrimônio como categoria de pensamento. In: ABREU, Regina; CHAGAS, Mário (Org.). **Memória e patrimônio**: ensaios contemporâneos. Rio de Janeiro: DP&A, 2003. p. 25–33.

_____. Ressonância, materialidade e subjetividade: as culturas como patrimônios. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, v. 11, n. 23, p. 15–36, 2005.

_____. Os limites do patrimônio. In: FILHO, Manuel Ferreira Lima et al (Org.). **Antropologia e Patrimônio Cultural**: diálogos e desafios contemporâneos. Blumenau: Nova Letra, 2007. p. 239–248.

HARTMANN, Luciana. **Gesto, palavra e memória**: performances narrativas de contadores de causos. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2011.

HERSKOVITS, Melville Jean. **Man and his works**: the science of cultural anthropology. New York: A.A. Knopf, 1948.

HICKS, Dan; BEAUDRY, Mary C. (Org.). **The Oxford Handbook of Material Culture Studies**. Oxford: Oxford University Press, 2010.

LATOUR, Bruno. **Jamais Fomos Modernos**. Rio de Janeiro: Ed. 34, 2009.

LAW, John. Notes on the Theory of the Actor–Network: Ordering, Strategy and Heterogeneity. **Systems Practice**, n. 5, p. 379–393, 1992.

BILHALVA, Liza; RODRIGUES, Marta Bonow. Artefatos como suportes de memória na construção da masculinidade no Pampa Sul–Rio-grandense. **Tessituras**, Pelotas, v. 5, n. 2, p. 113–141, jul./dez. 2017.

LEAL, Ondina F. **The gauchos: male culture and identity in the Pampas.** Berkeley: University of California, 1989.

_____. Honra, morte e masculinidades na cultura gaúcha. **Cadernos de Antropologia**, Porto Alegre, n. 5, p. 7–22, 1992.

_____. Do etnografado ao etnografável: “O Sul” como área cultural. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, v. 3, n. 7, p. 201–214, 1997,

LIMA, Tânia Andrade. Cultura material: a dimensão concreta das relações sociais. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas**, Belém, v. 6, n. 1, p. 11–23, 2011.

MACIEL, Maria Eunice. Marcas. In: GONZAGA, Sergius; FISHER, Luiz Augusto; BÍSSON, Carlos Augusto (Org.). **Nós, os gaúchos nº 2.** Porto Alegre: Editora da Universidade, UFRGS, 1994. p. 178–182.

NETO, Guilherme Howes. **De bota e bombacha: um estudo antropológico sobre as identidades gaúchas e o tradicionalismo.** 2009. 134 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais, PPCS/UFSM, [2009].

OLIVEN, Ruben. **Nación y Modernidad: la identidad gaucha en Brasil.** Argentina: Editorial Universitária de Buenos Aires, 1999.

OLIVEN, Ruben George; MACIEL, Maria Eunice de Souza; BRUM, Ceres. Apresentação. In: _____. (Org.). **Expressões da Cultura Gaúcha.** Santa Maria: Editora da Universidade Federal de Santa Maria, 2010. p. 11–13.

RIETH, Flávia, et al. INRC – Bagé/RS: Inventário do sistema da pecuária no sul do Rio Grande do Sul. **Anais 28ª Reunião Brasileira de Antropologia**, São Paulo, 2012.

RIETH, Flávia, et al. **Inventário Nacional de Referências Culturais – Lidas Campeiras da Região de Bagé.** Pelotas: Complexo Criativo Flor de Tuna, V. 1, maio/2013a.

RIETH, Flávia, et al. **Inventário Nacional de Referências Culturais – Lidas Campeiras da Região de Bagé.** Pelotas: Complexo Criativo Flor de Tuna, V. 2, maio/2013b.

RIETH, Flávia, et al. **Inventário Nacional de Referências Culturais – Lidas Campeiras da Região de Bagé.** Pelotas: Complexo Criativo Flor de Tuna, V.

BILHALVA, Liza; RODRIGUES, Marta Bonow. Artefatos como suportes de memória na construção da masculinidade no Pampa Sul-Riograndense. **Tessituras**, Pelotas, v. 5, n. 2, p. 113–141, jul./dez. 2017.

3, maio/2013c.

RIETH, Flávia M. S.; RODRIGUES, Marta B.; SILVA, Liza B. M. da. As lidas campeiras na região de Bagé/RS: sobre as relações entre homens, mulheres, animais e objetos na invenção da cultura campeira. In: NUMMER, Fernanda V.; FRANÇA, Maria Cristina C. C (Org.). **Entre ofícios e profissões: reflexões antropológicas**. Belém: GAPTA/UFPA, 2015. p. 175–195.

SAHLINS, Marshall. **Cultura e razão prática**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. São Paulo: Ed.USP, 2002.

SILVA, Adriana Fraga da. **“Meu avô era tropeiro!”: identidade, patrimônio e materialidades na construção da Terra do Tropeirismo – Bom Jesus (RS)**. 2009. 264 f. Tese (Doutorado em História) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), Programa de Pós-Graduação em História – área de Concentração: História das Sociedades Ibéricas e Americanas, [2009].

SILVA, Liza Bilhalva Martins da. Masculinidade, memória e trabalho: um estudo etnográfico com homens campeiros do pampa sul-rio-grandense em processos de mobilidade. **Tessituras**, Pelotas, v. 1, n. 1, p. 123–149, 2013.

_____. **Entre lidas: um estudo de masculinidade e trabalho campeiro na cidade**. 2014. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia, UFPel, [2014].

THOMAS, Julian. A materialidade e o social. **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia**. São Paulo, suplemento 3, p. 15–20, 1999.

VELTHEM, Lucia Hussak van. Farinha, casas de farinha e objetos familiares em Cruzeiro do Sul (Acre). **Revista de Antropologia**, São Paulo, v. 50, n. 2, p. 605–631, 2007.

WAGNER, Roy. **A invenção da cultura**. São Paulo: Cosac Naify, 2010.

REGISTROS ORAIS

Entrevistas com interlocutora e interlocutores da pesquisa do INRC (RIETH)

BILHALVA, Liza; RODRIGUES, Marta Bonow. Artefatos como suportes de memória na construção da masculinidade no Pampa Sul-Riograndense. **Tessituras**, Pelotas, v. 5, n. 2, p. 113–141, jul./dez. 2017.

et al, 2013a, 2013b, 2013c) e da pesquisa de mestrado de Liza Bilhalva (SILVA, 2014), entre os anos 2010 e 2013 – Flávia Blanco, Eliezer Dias de Sousa, Danilo Morales, José Gilberto Barcelos (Beto), Clair Gomes de Almeida e Abelardo Meireles. (O peão Jony participou de uma conversa quando se encontrava na oficina de Abelardo, durante uma entrevista com este guasqueiro, não era um dos interlocutores principais, mas contribuiu com sua narrativa, em 2012).

AUTORAS

Liza Bilhalva

Doutoranda junto ao Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental da Universidade Federal do Rio Grande (FURG), Mestra em Antropologia – Área de Concentração em Antropologia Social e Cultural (Universidade Federal de Pelotas/UFPe) e Bacharela em Antropologia – Linha de Formação em Antropologia Social e Cultural (UFPe). Desenvolve pesquisas em antropologia, educação ambiental, pesca artesanal, gênero, mulheres e trabalho, populações costeiras e saberes tradicionais, relações humanas e não humanas, cultura e patrimônio, rural e urbano, buscando perspectivas de aproximação entre antropologia, educação, ambiente e comunidades. E-mail: lizabms@gmail.com.

Marta Bonow Rodrigues

Mestra em Antropologia – Área de Concentração em Arqueologia (Universidade Federal de Pelotas/UFPe) e acadêmica do Bacharelado em Antropologia – Linha de Formação em Arqueologia (UFPe). Atua junto a pesquisas em arqueologia histórica, arqueologia da escravidão, arqueologia contemporânea, feminismos, gênero e patrimônio, além de pesquisas no âmbito da antropologia rural e urbana, buscando perspectivas de aproximação entre arqueologia, antropologia e comunidades. E-mail: martabonow@gmail.com.

Recebido em: 16/05/2018.

Aprovado em: 24/05/2018.

Publicado em: 29/06/2018.